

# Livro descreve crimes contra a RPM

16/11/84 N.

por Leite Vasconcelos

Uma unidade especial das Forças Armadas Rodesianas, o SAS, foi responsável pela realização de vastas acções de destruição e sabotagem em Moçambique que eram posteriormente atribuídas aos bandidos armados, revela um livro posto à venda, segunda-feira, na África do Sul.

Em tom épico, o livro, intitulado «A elite — história do Special Air Service da Rodésia», relata os inúmeros actos de agressão e sabotagem cometidos pelo SAS em Moçambique desde Janeiro de 1973, data em que obteve o acordo do Governo colonial português para actuar na província de Tete.

Segundo a autora, a jornalista rodesiana, Barbara Cole, o SAS retirou-se de Moçambique logo que «se tornaram conhecidas as notícias (do golpe de Estado) de Lisboa, mas regressou no dia seguinte e nunca mais precisou de autorização (para entrar)».

O livro descreve a criação dos bandidos armados pelos serviços de segurança rodesianos, visando «assistir a Rodésia no seu objectivo principal de destruir, perturbar e desorganizar as forças das ZANLA em Moçambique».

Pormenoriza a criação da emissora clandestina «Voz da África Livre».

«O pessoal da Voz fazia a escuta da Rádio Moçambique e imediatamente reescrevia as notícias em apoio aos BA's e transmitia os seus comunicados para Moçambique», refere Barbara Cole.

Esse foi o primeiro passo da criação dos bandidos armados.

Posteriormente, o regime rodesiano procurou obter apoio internacional para os bandidos armados.

«Vários países... tendo sido ganhos para a ideia de um movimento de resistência pró-ocidental, viram (os bandidos armados) como uma alternativa adequada e forneceram os meios financeiros necessários.

O livro afirma que os bandidos armados foram inicialmente treinados por militares portugueses, mas que como os resultados não fossem satisfatórios por haver desconfiança em relação às intenções destes, o treinamento dos bandidos foi posteriormente confiado ao SAS.

Em princípios de 1979, o SAS organizou uma operação de sabotagem à estação hidroeléctrica de Mavuzé na barragem de Chicamba Real. A função dos bandidos armados foi a de «guiarem o SAS para o objectivo e de

serem utilizados como disfarce entre a população local... e este tornou-se o **modus operandi** em missões conjuntas a partir dessa altura».

«A elite» descreve o modo como o SAS montou acampamentos dos bandidos no interior de Moçambique, nomeadamente o da Gorongosa, numa operação conduzida pelo tenente Charles Bucham.

Entre muitas outras acções, o livro descreve o planeamento e execução da operação de sabotagem aos depósitos de combustível da Munhava em 23 de Março de 1979, levada a cabo por um grupo do SAS, comandado pela capitão Bob McKenna. Uma vez mais a função dos bandidos armados de guiar o grupo de SAS e servir de disfarce a esse grupo.

A «Voz da África Livre» foi utilizada para divulgar a primeira notícia do ataque, por forma a que os bandidos armados reivindicassem a autoria da operação.

Barbara Cole é casada com um antigo oficial do SAS, Peter Cole. É patente a sua admiração pelos actos de agressão rodesianos contra Moçambique e a sua simpatia para com os bandidos armados.